

# Os diferentes gêneros discursivos a interpretar

Não poucas vezes, estudante, você encontrou menções à tarefa do tradutor e intérprete como a de traduzir discursos, enunciados, aquilo que outro (palestrante, professor, médico, advogado etc.) profere. Até então, não se havia, contudo, discutido do que se trata o objeto de tradução e interpretação, não foi explicitado até aqui o que se entende por discursos, enunciados, sobre aquilo que tradutor e intérprete devem transpor para a língua-alvo. Esta aula traz como objetivo a compreensão da natureza em que se apresenta o objeto de trabalho do tradutor e do intérprete: os gêneros discursivos. Assim, ao longo deste texto, a intenção é levar você à reflexão sobre a adequação necessária da interpretação ao gênero discursivo, assim como estabelecer diretrizes para a realização dessa tarefa.

De modo a alcançar o objetivo proposto, a problemática do gênero discursivo será apresentada sob a óptica bakhtiniana, base sobre a qual se desenvolverão as orientações para o trabalho prático de interpretação e tradução dos gêneros.

## O que é gênero discursivo

O conceito de gêneros do discurso encontra-se inextricavelmente relacionado ao de enunciado, visto que Bakhtin concebe os gêneros do discurso como tipos relativamente estáveis de enunciado, elaborados consoante as necessidades comunicativas advindas de diferentes interações sociais nos mais variados campos da atividade humana (esferas sociais).

O autor, ao se referir a tipos relativamente estáveis, tem em vista que os enunciados, por serem construídos historicamente, apresentam certa normatividade quanto a suas características, podendo, todavia, sofrer algumas modificações devido ao desenvolvimento ou surgimento de novas esferas sociais, a fim de cumprirem novas necessidades oriundas desse desenvolvimento. Daí a riqueza e a diversidade infinita dos gêneros discursivos, pois, uma vez que são ligados às situações sociais de interação, qualquer mudança nessa interação gerará mudanças no gênero.

Segundo Bakhtin (2003, p. 262), nossas trocas comunicativas (interação verbal) se dão apenas por intermédio dos gêneros discursivos, posto que “[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. Em outras palavras, isso significa que o discurso se apresenta na forma de enunciados, que são sempre construídos conforme determinados gêneros. Cada gênero discursivo, por sua vez, vincula-se a uma determinada situação social de interação, dentro de uma esfera social; tem sua finalidade discursiva, sua própria concepção de autor e destinatário. Nesse sentido,

[...] [a] vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na **escolha de um certo gênero de discurso**. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal de seus participantes etc. (BAKHTIN, 2003, p. 282, grifo do autor)

Nesse caso, ao se falar ou escrever algo, o autor do discurso, ao dar forma ou expressão a um tema, precisa partir de uma escolha primária: o gênero discursivo em que vai incrustar o seu tema. Essa escolha é balizada por vários fatores, como o próprio conteúdo a respeito do qual se pretende discorrer, chamado na teoria bakhtiniana de *objeto do discurso*. Certos temas são mais bem explorados dentro de determinados gêneros, que também são eleitos conforme o público com o qual a interação verbal é estabelecida, bem como os objetivos perseguidos na interação – expor, convencer, emocionar, justificar-se, interpelar etc. – e também são determinados pela esfera social em que a troca comunicativa ocorre. Um discurso de convencimento produzido na e para a esfera política não se apresentará no mesmo gênero discursivo de um discurso de convencimento produzido no campo da religião. Isso é o que se pretende dizer ao afirmar que a esfera social determina, também, o gênero discursivo. Do mesmo modo, na esfera política, um discurso de convencimento dirigido a líderes do governo não tomará a mesma forma de um dirigido a sindicalistas opositores ao governo.

Com o exposto até aqui, pode-se dizer que os gêneros discursivos pertencem à esfera social na qual são produzidos, havendo, inclusive, a possibilidade de um dado gênero não se materializar em outras esferas, bem como não ser útil ao tratamento de determinado objeto do discurso. Na esfera do campo científico – é bom observar que dentro de cada esfera há subdivisões –, por exemplo, há diferentes gêneros que servem para o cumprimento de objetivos específicos, para o tratamento de determinados temas, que se dirigem a diferentes públicos. Nesse sentido, a diferença entre uma tese e uma resenha, não se considera aqui a resenha literária, pode, grosso modo, ser traçada de acordo com as características do quadro a seguir:

Determinantes do gênero discursivo	Tese	Resenha
Esfera social	Acadêmico-Científica.	Acadêmico-Científica.
Objeto do discurso	Conteúdo inovador, inexplorado no campo do saber no qual a tese se insere.	Conteúdo já explorado por outrem.
Objetivo	Comprovar uma hipótese científica e, claro, obter o título de doutor.	Resumir, apresentar a ideia de um dado autor sobre um determinado assunto desenvolvido em um livro, um artigo, uma tese, dissertação etc.
Público	O apreciador imediato de uma tese é a banca que a julga, além de considerar um leitor ideal, posterior, o autor da tese precisa considerar como os seus leitores imediatos percebem o tema tratado, em que pontos pode haver conflito, como dissolvê-los. É um texto produzido, na maioria das vezes, na e para a academia. Avalia-se o autor em relação a quão bem conseguiu explorar o tema escolhido, quão bem-sucedido foi na comprovação de sua hipótese. O leitor imediato de uma tese não tem como objetivo principal adquirir conhecimento, mas antes julgar quão bem o autor da tese construiu conhecimento.	Pode ser elaborada apenas como um trabalho de curso de graduação, em que o público é o professor avaliador, ou pode ser elaborada para divulgação de obra científica, lidando, nesse caso, com um público já iniciado no tema tratado, que tenha interesse no mesmo e cujo objetivo é avaliar não a resenha enquanto gênero ou o autor da resenha, mas decidir se o livro resenhado é interessante para ele a ponto de querer lê-lo. O autor da resenha não constrói conhecimento, ele o torna conhecido, seu leitor tem como objetivo saber se esse conhecimento lhe interessa ou não.

Não se assuste, estudante, com afirmações como a de que um dos objetivos da tese é a obtenção do grau de doutor. Em termos práticos, isso é assim. Na esfera da produção do saber científico, para avançar em graus de “quão entendido” – especializado – alguém é em um assunto, é necessário passar pelas instituições de Ensino Superior e atender aos requisitos estipulados por elas. Não fosse a exigência de uma tese para a obtenção do título de doutor, possivelmente esse gênero discursivo não existiria. Isso está de acordo com o que diz Bakhtin ao afirmar que gêneros discursivos nascem e se modificam conforme as novas necessidades das esferas sociais. E se não houvesse o gênero tese, também não significa a impossibilidade de se tratar de assuntos inovadores na área da ciência; há para isso o ensaio científico, que compartilha com a tese a característica de comprovação de uma hipótese, mas que se diferencia em aspectos como, por exemplo, público-alvo.

Voltando ao início dessa discussão, se Bakhtin concebe os gêneros do discurso como tipos relativamente estáveis de enunciado, isso implica que cada gênero apresenta formas de enunciação que lhes são típicas, dito de outro modo, apresenta formas linguísticas que devem corresponder de maneira adequada a seu projeto discursivo. O gênero, então, determina, em certa medida, o que se esperar em termos de construções sintáticas e de campo semântico das palavras empregadas.

Sabendo que o gênero discursivo é o corpo e a vestimenta de uma ideia, uma identidade para o objeto do discurso, a pergunta que você deve estar fazendo é: o que isso tem a ver com o desempenho do meu trabalho na condição de tradutor e intérprete?

## **Por que levar em conta o gênero discursivo na interpretação**

Por mais de uma vez, estudante, na leitura dos textos desta disciplina, você se deparou com a afirmação de que a tarefa do intérprete e tradutor é traduzir discursos, seja na forma oral ou na forma escrita. Isso significa que o objeto do discurso do intérprete é o discurso produzido por uma outra pessoa, um discurso elaborado num gênero específico, com suas características e fins próprios. É preciso estar clara, então, a necessidade de respeito ao projeto discursivo construído pelo autor que está sendo traduzido. Sobre isso, convém apreciar o seguinte:

[...] o tradutor é aquele que vai transformar e produzir significados, gerar formas recriadas na língua para a qual traduz. A tarefa neste caso é um refazer o texto numa outra voz; voz que faz ecoarem as significações culturais que trabalharam essa língua. Vale a pena saber algo sobre as convenções do tipo ou do gênero textual para saber traduzir o texto da maneira mais adequada. (ROSA, 2008, p. 103)

Embora haja uma divergência de nomenclatura, gênero discursivo e gênero textual, em termos práticos, Rosa está se referindo à necessidade de levar em conta a identidade do discurso e mantê-la, na medida do possível, durante a interpretação. Vem em socorro dessa questão da identidade do gênero, o esclarecimento de Rodrigues:

[...] para Bakhtin os gêneros também são formas de ação: na interação, eles funcionam como índices de referência para a construção dos enunciados, pois balizam o autor no processo discursivo, e como horizonte de expectativas para o interlocutor, no processo de compreensão e interpretação do enunciado (a construção da reação-resposta ativa). (RODRIGUES, 2004, p. 423)

É possível depreender que o gênero não só serve de referência para a construção dos enunciados, determinando sua apresentação linguística, mas também faz com que o interlocutor crie expectativas que o auxiliam no entendimento do enunciado. Sob tal perspectiva, o intérprete precisa ter em mente que o interlocutor do gênero discursivo interpretado imaginado pelo autor não é ele, e sim o público para quem o intérprete traduz, daí o dever do intérprete de manter o discurso do autor no gênero escolhido por ele. É o conhecimento desse gênero que permitirá, primeiro ao intérprete, depois ao público-alvo, fomentar estratégias de compreensão sobre a mensagem recebida. Assim, por exemplo, uma ironia é entendida de forma diferente no bojo do gênero discursivo piada daquela como é compreendida no gênero da carta de diplomacia, principalmente entre países cujas relações não são amistosas.

Tudo isso leva à conclusão de que, para poder atuar bem na interpretação, o profissional precisa dominar, assim como o autor da mensagem traduzida, os gêneros do discurso de várias esferas, haja vista que “muitas pessoas que dominam magnificamente uma língua sentem amiúde total impotência em alguns campos da comunicação precisamente porque não dominam na prática as formas de gêneros de dadas esferas” (BAKHTIN, 2003, p. 284). Imagine-se, estudante, tendo de interpretar uma situação de defesa de tese, você não atuaria como na interpretação de uma discussão de ponto de vista ocorrida nos corredores da universidade. De modo similar, no campo religioso, interpretar uma parábola de Cristo não é o mesmo que interpretar uma carta/epístola a um dos discípulos de Jesus.

Tendo consciência disso, são expostos nas seções a seguir alguns dos gêneros mais usuais nas esferas sociais em que a atuação do intérprete é requisitada. A ideia é fazer com que você se familiarize com esses gêneros de forma a poder usar esse conhecimento quando preciso for. Tendo em mente que seu processo de formação é contínuo e construído, validado, na prática, é recomendável que durante a leitura das definições e exemplos você reflita, estudante, sobre como respeitar, manter a identidade discursiva do gênero interpretado, como chegar ao ponto de fazer com que poesias, resumos, convites, pronunciamentos, contos infantis etc. sejam reconhecidos na língua-alvo como tais.

## Discursos da esfera científica

Entende-se esfera como o campo da atividade humana em que a troca entre os indivíduos ocorre, onde se estabelecem as interações verbais, então a esfera científica abrange gêneros desenvolvidos no campo de atuação científico. Essa

denominação funciona, nesse caso, como um guarda-chuva, abrigando gêneros discursivos desenvolvidos nas mais diversas áreas de atuação científica.

Tendo em vista que o intérprete de Libras é muito requisitado atualmente nas universidades, tanto em nível de graduação como pós-graduação, nesse momento interessa tratar dos gêneros que circulam na universidade e que servem à investigação científica. Por uma questão de demanda, a discussão se focará nos gêneros discursivos orais, já que o intérprete precisa trabalhar muito mais com discursos orais do que com os escritos. O primeiro deles é o seminário.

O seminário, geralmente, envolve mais de um aluno e consiste num trabalho de exposição sobre um livro, um filme, um artigo científico, em que se procura destacar a ideia principal da obra, seus argumentos, seus pontos fracos. Para tanto, é preciso que o aluno empregue um discurso com início, meio e fim, com citações que demonstrem o que está sendo dito. Também é desejável que ele empregue expressões linguísticas mais próximas da variedade padrão, bem como que atele seu discurso, o conteúdo dele, ao do autor da obra em discussão no seminário. Usará, portanto, construções como: *segundo o autor; para ele; conforme a ideia do texto; de acordo com o que o autor defende; o autor entende etc.* É esperado, ainda, que em seminários os alunos sejam capazes de fazer relações com outros temas já vistos em aula, citando o nome do autor, ano da obra etc. Assim, ao interpretar um seminário, seja do português para a Libras ou o contrário, o intérprete deve se esforçar para que fique claro que as ideias ali expostas não são do aluno, são, na verdade, a compreensão construída pelo aluno. Precisa, então, respeitar as marcas do discurso relatado, listadas acima. Conhecer a dinâmica de um seminário auxilia nas estratégias empregadas na interpretação.

O segundo gênero a ser abordado é o debate. Nele, há uma ideia de partida, geralmente fornecida pelo professor, que precisa ser defendida ou criticada pelos alunos. Para tanto, eles podem empregar argumentos das mais variadas ordens, o de autoridade, que consiste em citar alguma pessoa que tenha um estudo sobre o tema ou dados de pesquisa de órgãos oficiais do governo, por exemplo; o baseado no senso comum das pessoas; pode apelar, inclusive, para crenças pessoais das pessoas envolvidas no debate, uma vez que a intenção é convencer. Expressões como: *eu acredito; com base nos dados publicados; tendo em vista a teoria tal; é possível questionar a ideia; esse argumento não tem fundamento; há contradição entre os argumentos apresentados; é preciso seguir a linha de raciocínio etc.* são usuais em debates, que costumam ser muito mais dinâmicos do que seminários, exigindo muito do intérprete, que precisa se desdobrar para

dar conta de traduzir as réplicas àquilo que foi dito, e que também é necessário interpretar. O ideal é que num gênero como esse trabalhassem dois intérpretes, cada um interpretando um lado, o que defende e o que critica.

Por fim, há de se tratar do gênero palestra. Ele extrapola o limite da sala de aula, envolve, muitas vezes, alunos de vários cursos, ou de níveis diferentes de um mesmo curso. O palestrante pode ser da instituição em que o intérprete trabalha ou não. O gênero palestra consiste, fundamentalmente, numa exposição, que, a depender dos objetivos do palestrante e do evento no qual ela é apresentada, pode versar sobre um tema com base nas ideias do próprio palestrante, desenvolvidas em pesquisa anterior; sobre um tema na óptica de um determinado teórico, por exemplo, a concepção de língua para Chomsky; sobre um tema na perspectiva de vários teóricos, por exemplo, a concepção de língua para Saussure, Chomsky, Humboldt, Bakhtin; ou ainda vários temas abordados na óptica de um teórico, por exemplo, língua, literatura e crítica literária no pensamento bakhtiniano; entre outras possibilidades. Aqui também há um discurso que será entremeado por citações, considerações do palestrante sobre o que está sendo abordado, além da própria exposição em si.

Em comum entre todos esses gêneros, há pontos como a exigência de uma linguagem mais formal, que deve ser considerada; o fato de serem discursos preparados previamente e, conseqüentemente, terem uma versão escrita, a qual, de preferência, o intérprete deve ter acesso; de lidarem com a exposição de saberes, que é uma forma de construir e adquirir conhecimento, característica que justifica a importância de os intérpretes procurarem traduzir o que é dito no gênero em que é dito, pois a escolha de um dado gênero discursivo, como visto anteriormente, não se dá aleatoriamente.

## Discursos da esfera literária

Assim como a esfera científica recobre uma variedade de gêneros, o mesmo acontece com o campo literário. Ainda que se tenham poucos trabalhos nessa área, já que envolve a tradução de textos escritos para Libras, é interessante se acercar das possibilidades que podem ser encontradas também no trabalho realizado em universidades e escolas. Afinal, tal como os campos de atuação dos indivíduos se entrecruzam, também alguns gêneros discursivos podem ser encontrados em contextos que não o de sua origem. Nesse sentido, não raro, intérpretes se veem às voltas durante uma aula de literatura, por exemplo, em que textos como poemas, crônicas, contos, romances, teatro, entre outros, são abordados.

Para o momento, considera-se mais proveitoso a análise de poemas, posto que estes são mais frequentemente citados na íntegra durante uma aula. Crônicas, contos, novelas, peças teatrais são geralmente comentadas, não há, também, como se apropriar da unidade de uma obra como um romance apenas por meio de um trecho. Os poemas – excetuando-se os épicos, como *Os Lusíadas* –, por sua extensão, se prestam mais facilmente a uma análise de um todo completo.

O grande problema da tradução da literatura, aqui considerada somente em relação ao gênero poema, é que, enquanto a linguagem cotidiana busca a convergência, trabalhando no sentido da redução das diferenças, a fim de facilitar a comunicação, a literatura busca a divergência – sendo o campo por excelência das individualidades, da busca do singular e do inaudito. Como a literatura busca a singularidade, a sua tradução não pode desconsiderar esse aspecto. É necessário, então, lidar com uma linguagem com características especiais na interpretação de poemas. Vale dizer que mesmo ao falar do gênero poema está-se ainda num nível abrangente, pois há diferentes gêneros no campo poético. Há sonetos, quadras etc. que são chamados de poemas de forma fixa, pois precisam respeitar certas regras de composição, como número de versos, estrofes, tipos de rima e também há poemas de forma livre, em que não se têm regras a seguir quanto ao limite de estrofes, versos, tipos de rima etc.

A tradução de literatura é problemática porque muitos dos recursos estilísticos disponíveis numa língua não o são em outra, nem sempre é possível encontrar equivalências para jogos de palavras, rimas, certas construções sintáticas. Mesmo assim, a função do intérprete é, ao menos, levar ao conhecimento do público-alvo da interpretação que o objeto do discurso se trata de uma poesia, que detém características linguísticas especiais. Não se pretende, com isso, dizer que o intérprete deve encontrar meios de reproduzir rimas em Libras, por exemplo, mas sim se esforçar para manter, quando possível, a metaforização da linguagem, sua beleza, a emoção que percorre o poema. Nesse sentido, saber a diferença entre um poema modernista e uma epopeia é de uma ajuda inestimável durante o processo de interpretação, pois o profissional sabe o que esperar, cria expectativas que o auxiliam na interpretação. Nesse caso, o intérprete pode formular hipóteses como:



Características esperadas quanto à forma, conteúdo e objetivos dos gêneros discursivos epopeia e poesia modernista	Epopeia	Poema modernista
	Linguagem rebuscada	Linguagem do dia a dia
	Tema: feitos heroicos, grandiosos	Tema: assuntos da vida cotidiana; problemas universais da humanidade, engajamento político etc.
	Uma narrativa extensa na forma de versos	Sem forma fixa: pode ser em verso, ou não, narrativo ou não etc.
	A rima pode ocorrer ou não	A rima pode ocorrer ou não
	Envolve uma espécie de elogio e narrativa de uma época, de uma nação, de um herói nacional	Envolve reflexão sobre a vida, galhofa, ironias, língua etc.
	Sem experimentalismo estético	Experimentalismo estético

Você percebe com isso, estudante, que uma das tarefas do profissional intérprete, para o bom exercício de sua função, é ler tanto quanto puder, de forma a conhecer os diferentes gêneros a interpretar. Quanto mais conhecer, tanto melhor, pois nunca se sabe quando precisará interpretar levando em conta um gênero discursivo pouco usual.

## Discursos da esfera cotidiana

Conforme Silvestri e Blanck (1993), pode-se falar de tipos específicos de realização de gêneros da linguagem cotidiana somente onde existam formas de intercâmbio comunicativo cotidiano que sejam de algum modo estáveis, fixadas pelo hábito e pelas circunstâncias. Conclui-se, assim, que não se pode chamar de gênero discursivo a toda e qualquer conversação do dia a dia, é mister que elas *sejam de algum modo estáveis, fixadas pelo hábito e pelas circunstâncias*.

Pense no caso de apresentação de pessoas, há uma forma um tanto estável de apresentar pessoas desconhecidas, de fazê-las adentrar a um dado círculo social. Também apresentam formas fixadas pelo hábito a despedida, ao final de um encontro; um convite para participar de algum pequeno evento social ou mesmo um passeio; justificativa ao faltar a um compromisso etc. Se você pensar bem, conseguirá vislumbrar expressões típicas dessas situações interacionais que se constituem em gêneros da esfera cotidiana, tais como: *esse é o fulano; ele trabalha há tantos anos na empresa tal; é um prazer conhecê-lo; o prazer é meu; nos vemos em breve; é sempre um prazer falar com você; você não pode falar; você não ir seria como uma desfeita; eu lamento; me desculpe pelo inconveniente; não foi minha intenção etc.*

Os gêneros da esfera do cotidiano são tão variados quanto as trocas comunicativas estabelecidas no dia a dia. Talvez por se tratar de discursos vivenciados a todo momento, sejam os que menor complexidade apresentam ao intérprete. Mesmo assim, requerem também apreciação do profissional. Imagine que você acompanha um cliente numa entrevista de emprego, ali ocorrerão enunciação, com construções sintáticas e vocabulário específicos, que não se veem em outras circunstâncias. O nível da linguagem a ser empregado nos gêneros da esfera cotidiana depende de com quem a interação social ocorre, onde e com que objetivo.

Para concluir, cabe a observação de Quadros (2007, p. 80) sobre a visão a ser adotada pelo intérprete no desenvolvimento de seu trabalho, a interpretação, “uma visão que enfatiza o discurso, que entende que as pessoas usam a linguagem para fazer coisas e que sempre acontece com objetivos específicos através de convenções sociais, linguísticas, interativas e estilos conversacionais, deve ser considerada”. Portanto, a escolha dos gêneros não é mero detalhe, antes, determina e revela muito sobre as intenções discursivas do falante, que persegue objetivos específicos, por meio de estratégias discursivas específicas, adequadas ao seu público e ao contexto histórico vivenciado. Se o intérprete pretende ser fiel ao conteúdo do que traduz, um bom começo é tentar considerar as características preservando-as, tanto quanto possível, do gênero discursivo eleito pelo autor para o projeto discursivo que tem em mente.

## Texto complementar

### Os gêneros do discurso na perspectiva bakhtiniana

(LIMA, 2009, s/p)

A comunicação é indispensável para os seres humanos. Ela pode se dar por meio de diversas manifestações linguísticas, como a escrita, a oralidade, os sons, os gestos, as expressões fisionômicas etc. Segundo Bakhtin, tais manifestações são bastante diversificadas, pois estão relacionadas às muitas esferas da atividade humana. Bakhtin (1997, p. 290) trata do uso da língua nas atividades humanas:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [...] cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Neste trecho podem-se perceber três conceitos principais: língua, enunciado e gêneros do discurso. Essas entidades, para Bakhtin, estão intimamente relacionadas, para o bom funcionamento da comunicação. As vastas variedades das esferas da atividade humana dão origem a vários gêneros do discurso, que segundo Bakhtin resultam em formas-padrão “relativamente estáveis” de um enunciado, determinadas sócio-historicamente. Bakhtin vai mais além, ao referir que só nos comunicamos, falamos e escrevemos por meio de gêneros do discurso. Os gêneros estão no dia a dia dos sujeitos falantes, os quais possuem um infindável repertório de gêneros, muitas vezes usados inconscientemente. Até nas conversas mais informais, por exemplo, o discurso é moldado pelo gênero em uso. Tais gêneros, segundo Bakhtin (1997, p. 282), nos são dados “quase da mesma forma com que nos é dada a língua mater-

na, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática". Os gêneros do discurso sofrem constantes atualizações ou transformações. A este respeito, Bakhtin (1997, p. 106) diz que "o gênero sempre é e não é ao mesmo tempo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo." Essa passagem, de certa forma, explica o "relativamente estável", pois, bem como a sociedade, os gêneros também se modificam para atender às necessidades dessa sociedade. Como, por exemplo, a carta, meio de comunicação bastante usado em épocas anteriores. Hoje, de certa forma, perdeu espaço para o e-mail, haja vista que a sociedade atual necessita de agilidade e rapidez na transmissão das informações; necessidade esta que a carta não é capaz de suprir. No entanto, a carta não deixou de existir. O que houve foi uma modificação, uma atualização do gênero carta, para melhor atender à sociedade. A este respeito Bakhtin (1997, p. 284) diz que:

Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico.

Sabe-se que os gêneros vão sofrendo modificações em consequência do momento histórico em que estão inseridos. Cada situação social dá origem a um gênero com suas características peculiares. Levando-se em consideração a infinidade de situações comunicativas e que essas só são possíveis graças à utilização da língua, pode-se perceber que infinitos também serão os gêneros. Bakhtin relaciona a formação de novos gêneros ao aparecimento de novas esferas da atividade humana, com finalidades discursivas específicas. Essa imensa heterogeneidade fez com que Bakhtin propusesse uma primeira grande "classificação", dividindo os gêneros do discurso em dois grupos: primários e secundários. Os primários relacionam-se às situações comunicativas cotidianas, espontâneas, informais e imediatas, como a carta, o bilhete, o diálogo cotidiano. Os gêneros secundários, geralmente mediados pela escrita, aparecem em situações comunicativas mais complexas e elaboradas, como o teatro, o romance, as teses científicas etc. Tanto os gêneros primários quanto os secundários possuem a mesma essência, em outras palavras, ambos são compostos por fenômenos da mesma natureza, os enunciados verbais. O que os diferencia é o nível de complexidade em que se apresentam.

Segundo Bakhtin (1997, p. 281):

Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a consequente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado.

Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero do discurso primário (simples) e o gênero do discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios...

Além dos aspectos sócio-históricos, devem-se levar em consideração outros aspectos, como espaço e tempo, tratados por Machado (2008, p. 158-159):

O gênero não pode ser pensado fora da dimensão espaço-temporal. Logo, todas as formas de representação que nele estão abrigadas são, igualmente, orientadas pelo espaço-tempo [...] O cronotopo trata das conexões essenciais de relações temporais e espaciais assimiladas artisticamente na literatura. Enquanto o espaço é social, o tempo é sempre histórico. Isso significa que tanto na experiência quanto na representação estética o tempo é organizado por convenções. Os gêneros surgem dentro de algumas tradições com as quais se relacionam de algum modo, permitindo a reconstrução da imagem espaço-temporal da representação estética que orienta o uso da linguagem: 'o gênero vive do presente mas recorda o seu passado, o seu começo', afirma Bakhtin. A teoria do cronotopo nos faz entender que o gênero tem uma existência cultural, eliminando, portanto, o nascimento original e a morte definitiva. Os gêneros se constituem a partir de situações cronotópicas particulares e também recorrentes por isso são tão antigos quanto as organizações sociais.

Nesse trecho percebe-se a relação dos gêneros com o espaço e o tempo, característica que Bakhtin denomina cronotopos. O gênero não surge do nada, ele está ligado a uma origem cultural, delimitada por aspectos sociais que estão relacionados ao espaço, e toda cultura possui sua própria história relacionada ao tempo. Daí, o gênero, que nasce dentro de tal cultura, sofrer modificações de acordo com o espaço e tempo.

## Dicas de estudo

*Linguagem e Diálogo*: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin, de Carlos Alberto Faraco, Curitiba, Criar Edições, 2003.

A leitura da obra é indicada para quem ainda não teve contato com o pensamento bakhtiniano tanto quanto para quem já o conhece. Tal como indica o título, o trabalho centra sua atenção especificamente nas ideias linguísticas do círculo de Bakhtin, apresentando os seus integrantes e os projetos a que se dedicavam.

SOUZA, Saulo Xavier. Traduzibilidade poética na interface Libras-Português: aspectos linguísticos e tradutórios com base em “Bandeira Brasileira” de Pimenta (1999). In: QUADROS, Ronice Müller de Quadros; STUMPF, Marianne Rossi (Orgs.). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis: Arara Azul, 2009.

Nesse artigo, Souza expõe e avalia sua experiência de traduzir para a língua portuguesa escrita o poema “Bandeira Brasileira”, cuja língua de partida é a Libras. É um ótimo exemplo de trabalho de tradução de gênero discursivo que prima pelo respeito à forma do original, tentando superar os obstáculos impostos também pela diferença da modalidade de língua.

---

## Atividades

1. Defina gêneros do discurso segundo a perspectiva bakhtiniana.

---

---

---

---

---

2. Tome como ponto de partida o excerto fornecido a seguir sobre a evolução dos gêneros discursivos e reflita como o surgimento do e-mail, em comparação à carta, é um gênero “novo e ao mesmo tempo velho”.

Os gêneros do discurso sofrem constantes atualizações ou transformações. A esse respeito, Bakhtin (1997, p. 106) diz que “o gênero sempre é e não é ao mesmo tempo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo.” Essa passagem, de certa forma, explica o “relativamente estável”, pois, bem como a sociedade, os gêneros também se modificam para atender às necessidades desta sociedade. Como, por exemplo, a carta, meio de comunicação bastante usado em épocas anteriores. Hoje, de certa forma, perdeu espaço para o e-mail, haja vista que a sociedade atual necessita de agilidade e rapidez na transmissão das informações; necessidade esta que a carta não é capaz de suprir. No entanto, a carta não deixou de existir. O que houve foi uma modificação, uma atualização do gênero carta, para melhor atender à sociedade. (LIMA, 2009, s/p)

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

3. Como visto durante a aula, alguns gêneros se prestam mais facilmente ao tratamento de determinados assuntos, cumprindo dados objetivos frente a um público-alvo específico. Tendo isso em mente, discuta por que razão o gênero artigo científico é mais adequado à divulgação dos resultados de uma pesquisa à comunidade científica do que o recurso de uma carta.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LIMA, Anderson. **Os Gêneros do Discurso na Perspectiva Bakhtiniana**. 2009. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/1705374>>. Acesso em: 14 set. 2010.

QUADROS, R. M de. **O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. MEC, 2007.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. A análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 4, n. 2, jan./jun., 2004.

ROSA, Andréa Silva. **Entre a Visibilidade da Tradução da Língua de Sinais e a Invisibilidade da Tarefa do Intérprete**. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

SILVESTRI, Adriana; BLANCK, Guilherme. **Bajtín y Vigotsky: la organización semiótica de la conciencia**. Barcelona: Anthropos, 1993.

---

## Gabarito

1. Resposta mínima deve contemplar que os gêneros discursivos são tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais são construídos tendo como norteadores o tema do discurso, a esfera social em que são produzidos, o público a que se destina e o objetivo.
2. O aluno deve reconhecer que o e-mail é ao mesmo tempo novo e velho porque, embora surgido recentemente, sendo possível apenas pelo avanço da tecnologia, guarda semelhanças com a carta. É novo porque sua forma de envio é diferente, chega quase que em tempo real a seu destinatário, apresenta certas características peculiares de linguagem (abreviações, reduções, *emoticons*), suporte para uso de vídeos etc. Mas é velho porque apresenta ainda elementos como remetente e destinatário, expressão de saudação e de despedida, é datado, automaticamente, mas é datado, elementos presentes nas cartas. Assim como as cartas, os e-mails podem ser usados para fins pessoais ou comerciais, e podem apresentar uma linguagem informal ou formal.



3. Espera-se que o estudante analise o que foi solicitado levando em conta a melhor adequação do tema, esfera social, público-alvo e objetivo a ser alcançado. Nesse sentido, sua argumentação deve considerar que o gênero artigo científico é o adequado para o objetivo pretendido, pois por meio dele o estudo ganhará argumento de autoridade, já que publicado em revista própria da esfera científica alcançará maior número de pessoas em menos tempo, assegurará a autoria de quem fez o estudo, o que por carta não se pode garantir. Na condição de gênero da esfera científica, o artigo científico suporta o tratamento de dados, sua análise, emprego de tabelas, gráficos, seções específicas para explicitar a metodologia e resultados da pesquisa, por exemplo. Além disso, a carta é inapropriada, pois o indivíduo precisaria descobrir os destinatários a quem seu estudo interessaria; já o artigo científico, por ser publicado em revistas especializadas, alcança as pessoas interessadas no assunto sem maiores problemas.

